

UM POEMA DE GLAUCO MATTOSO

PAULO HENRIQUES BRITTO*

RESUMO

Análise de “Manifesto obsoneto”, poema de Glauco Mattoso de 1981, nos planos formal e semântico.

PALAVRAS-CHAVE: Glauco Mattoso; “Manifesto obsoneto”; poesia brasileira contemporânea.

MANIFESTO OBSONETO

dedicado a Cairo & Kac (mas a indireta vai proutros poetas ditos “sujos”, que nunca esquecem o modess e trocam de meia de meia em meia hora)

Isso não é poesia que se escreva,
é pornografia tipo Adão & Eva:
essa nunca passa, por mais que se atreva,
do que o Adão dá e do que a Eva leva.

Quero a poesia muito mais lasciva
com chulé na língua, suor na saliva,
porra no pigarro, mijo na gengiva,
pinto em ponto morto, xota em carne viva:

Ranho, chico, cera, era o que faltava!
Sebo é na lambida, rabo não se lava!
Viva a sunga suja, fora a meia nova!

* Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC, Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: phbritto@hotmail.com

Pelo pelo na boca, jiló de uva!
Merda na piroca cai como uma luva!
Cago de pau duro! Nojo? Uma ova!

SP, março de 81

Travei contato com a poesia de Glauco Mattoso na *Antologia do poema pornô*, publicação independente organizada por Cairo Assis Trindade e Eduardo Kac. Eduardo tinha sido meu aluno num curso de inglês quando adolescente, no final dos anos 70, e no início da década seguinte ele me procurou ao lançar o “movimento poesia pornô”, que agitou por alguns momentos a cena poética dos anos 80, reunindo egressos da poesia marginal, como Leila Mícolis, e poetas bem mais jovens, como o próprio Kac, hoje um conhecido artista multimídia radicado em Chicago. Pouco depois disso, ainda em início ou meados dos anos 80, chegou às minhas mãos um exemplar do *Jornal Dobrabil*; e nunca mais perdi de vista o trabalho de Glauco. A partir de certo momento de sua carreira poética, como todos sabem, ele passou a dedicar-se quase exclusivamente à produção de sonetos heroicos perfeitos, sempre com acento na sexta sílaba e utilizando as mesmas duas rimas nos dois quartetos. Mas, no momento da poesia pornô, Glauco realizava experimentações diversas com a linguagem poética. O “Manifesto obsoneto” pertence a essa fase mais experimental de sua poesia.

Embora da mesma faixa etária de muitos dos poetas incluídos na famosa antologia *26 poetas hoje*, organizada por Heloísa Buarque de Hollanda em 1976, Glauco Mattoso não aparece nela. Ainda que o tom coloquial, o humor e a tendência à provocação o identifiquem com a chamada “geração marginal”, há uma característica de seu trabalho que o distingue desde o início da maioria dos poetas ditos marginais: o apego às formas fixas, em particular o soneto. O que torna particularmente interessante o “Manifesto obsoneto” é que nele elementos tradicionais coexistem com certo grau de experimentação, a que se soma o teor francamente escatológico do plano do sentido; o resultado é um poema fascinante — e divertidíssimo.

O primeiro elemento formal que chama a atenção no “Manifesto obscuro” é a métrica. O verso inicial é metricamente confuso, difícil de escandir; mas esse desconforto rítmico está em plena conformidade com o plano do significado, pois afinal o verso afirma textualmente: “Isso não é poesia que se escreva”. Vejamos por que motivo esse verso “não é poesia que se escreva”. A uma primeira leitura, a pauta acentual parece ser 1-4-7-11, mas uma sinérese em “poesia”, transformando em ditongo o hiato “o-e”, gera o padrão 1-4-6-10, um decassílabo bem comportado. O problema é que o segundo verso não admite outra leitura que não 1-5-7-9-11, e daí em diante todos os versos não apenas terão onze sílabas como também manterão (com exceção do 12) uma cesura na quinta sílaba, cesura essa que em muitos versos é marcada de modo inequívoco por uma vírgula. O metro resultante é, na verdade, bem uniforme: o verso se divide em dois hemistíquios, cada um com seis sílabas, sendo a quinta acentuada e a final átona. A variação rítmica se dá basicamente em função da possibilidade de acentuar ou não as sílabas de número 3 e 9 dos versos:

/ - - - /- / - / - / -	(1-5) + (1-3-5) = 1-5-7-9-11
É pornografia tipo Adão & Eva:	
/ - / - / - / - / - / -	(1-3-5) + (1-3-5) = 1-3-5-7-9-11
Pinto em ponto morto, xota em carne viva:	
/ - - - /- / - - - /-	(1-5) + (1-5) = 1-5-7-11
Merda na piroca cai como uma luva!	

Mas o trabalho com as rimas é, talvez, o aspecto mais criativo do poema. O esquema, nada convencional, é *abab cccc dde ffe*. Quando explicitamos as terminações dos versos, observamos algo ainda mais curioso:

a = /eva/
b = /εva/
c = /iva/
d = /ava/
e = /ova/
f = /uva/

Todas as rimas são femininas e seguem o esquema /_va/, em que o lugar _ , da tônica, é ocupado sucessivamente por /e/, /ε/, /i/, /a/, /ɔ/ e /u/ — ou seja, todas as vogais orais do português, com exceção de /o/ (ô, o som que aparece com destaque no verso final, ainda que não em posição de rimar, em “Nojo?”).

Mas a criatividade de Glauco não se limita à métrica e à rima. Todo o poema é cheio de jogos com vogais, consoantes, sílabas e mesmo palavras inteiras, a começar pelo título, que funde as palavras “soneto”, “obsceno” e “obsoleto”, e o duplo sentido de “meia” na dedicatória. Na primeira estrofe, os dois verbos que caracterizam as posições sexuais tradicionalmente ditas “ativa” e “passiva” são extraídos dos nomes do macho e da fêmea originais: “Adão dá” e “Eva leva”. Observe-se, porém, que “dar” é mais comumente utilizado com o sentido sexualmente passivo, algo de que o poeta sem dúvida alguma tem consciência. No segundo quarteto, as aliterações abundam (com direito ao trocadilho óbvio): com consoantes simples em “chulé”-“língua”, “suor”-“saliva”, “mijo”-“gengiva”, e com pares de fonemas consonantais em “porra”-“pigarro”, “pinto”-“ponto”. Há que mencionar também o paralelismo semântico que corresponde à divisão do verso em duas partes iguais, e que opõe o “ponto morto” do “pinto” à “carne viva” da “xota”. No primeiro terceto, no verso 10 o paralelismo se manifesta pelas oposições entre “sebo” e “rabo”, que têm em comum a sílaba átona final, e a que se dá entre “lambida” e “lava”, ambas iniciadas por /l/. No verso seguinte, temos um intrincado jogo de vogais e consoantes: os /v/ de “viva”, no início, ecoam no de /v/ de “nova”, ao final; e “suja” repete a primeira sílaba de “sunga” (menos a nasalização). Por fim, no segundo terceto, com “pelo pelo” Glauco retoma a espécie de brincadeira com palavras completas que já encontramos na dedicatória.

Entre o *Jornal Dobrabil* – exemplo de uma escrita experimental em que a mancha gráfica desempenha um papel importante, tal como no concretismo e nas demais vanguardas de meio de século – e os sonetos formalmente clássicos a que o autor vem se dedicando nas últimas décadas, situa-se o “Manifesto obsoneto”: um soneto que nada tem de clássico e que é, no entanto, sem sombra de dúvida, um soneto. Ocupa, assim, um lugar importante na trajetória artística desse poeta singular que é Glauco Mattoso.

A POEM BY GLAUCO MATTOSO

ABSTRACT

An analysis of Glauco Mattoso's 1981 poem "Manifesto obsoneto", considering its formal and semantic aspects.

KEYWORDS: Glauco Mattoso; "Manifesto obsoneto"; contemporary Brazilian poetry.

UN POEMA DE GLAUCO MATTOSO

RESUMEN

Análisis del "Manifesto obsoneto", poema de Glauco Mattoso de 1981, considerando aspectos formales y semánticos.

PALABRAS CLAVE: Glauco Mattoso; "Manifesto obsoneto"; poesía brasileña contemporánea.

REFERÊNCIA

MATTOSO, Glauco. *Jornal Dobrabil*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

Submetido em 26 de janeiro de 2017

Aceito em 23 de fevereiro de 2017

Publicado em 20 de junho de 2017
